

Celso Furtado critica ênfase às exportações

**Da sucursal do
RIO**

O ex-ministro do Planejamento do governo João Goulart, professor Celso Furtado, defendeu ontem uma política industrial voltada, essencialmente, para o mercado interno, criticando a ênfase exacerbada que vem sendo dada às exportações. Segundo ele, a doutrina que prevalece hoje, no sentido de tornar a indústria competitiva internacionalmente, pode levar o País a repetir a experiência desastrosa da Argentina: "A tentativa de internacionalizar o sistema industrial levou ao desmantelamento da indústria argentina. Ali, toda a indústria tinha de ser competitiva internacionalmente. Se esta lógica prevalecer aqui, acabaremos repetindo o fenômeno e seria um crime contra o País. Embora ninguém, no Brasil, esteja agindo assim, sem dúvida encontramos esta idéia um pouco dentro da lógica da política econômica que está aí".

Falando para mais de vinte dirigentes da Confederação Nacional da Indústria, ontem, numa reunião que começou às 10 horas e terminou às 13h30, Celso Furtado admitiu não ser possível, antes das eleições, promover mudanças na política econômica. No entanto, a partir de dezembro, considera "fundamental, um dever de todos, mudar a ótica atual, redefinir a política, redirecionar o desenvolvimento, para recuperar o controle do País".

É "tão grave a situação brasileira — acrescentou — que ninguém pode admitir que ela se prolongue por muito tempo; e a importância que se dá à dívida externa é tão grande, que está imobilizando as autoridades, impedindo-as de governar o País". A este respeito, afirmou:

"O que nos falta, hoje, é visão global. Essa política de tudo subordinar à exportação, que é uma maneira de tudo subordinar à dívida externa, nunca foi explicitada e suas consequências não são expostas. É um erro total dizer-se que a prioridade deve estar voltada para o balanço de pagamentos. A prioridade é o desenvolvimento do País. Que obstáculos a balança de pagamentos cria ao País? Quando se parte do princípio de que não há nada demais em que o Brasil continue a endividar-se, isto é inaceitável. Considera-se também que a dívida externa é um problema nosso e quase de honra nacional, de que não podemos renegociá-la, pois vamos perder prestígio como potência emergente".

Recordou, então, que "esse problema é de toda a comunidade financeira", e ninguém está interessado na quebra dos países: "Em Londres, no ano passado, foram renegociadas dívidas de sete países. Nesse momento, devem existir outros 20 que não estão pagando suas dívidas, e a Costa Rica, unilateralmente, decretou sua moratória. Nem por isso, sofreu represálias. Não estou recomendando o mesmo para o Brasil, porque acho que temos meios de obter algo melhor, como país com peso internacional e de grande significação no Terceiro Mundo. Agora, não é por meio de conversas com banqueiros que conseguiremos isso, pois estamos todo dia conversando com banqueiros, pedindo dinheiro e aceitando imposições, e já vimos que não deu certo. O assunto é para ser discutido em nível político, pelo próprio governo".